

ABORDAGEM INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: REFLEXÕES E CONCEPÇÕES

*Reinaldo Ferreira da Silva**
*Diógenes Cândido de Lima***

RESUMO: este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão e concepções a respeito da importância da abordagem intercultural no ensino da língua estrangeira. Apresenta-se os aspectos culturais na aquisição da segunda língua, conceitos e a relevância da Interculturalidade e uma reflexão sobre o professor crítico diante de questões culturais durante as aulas de língua estrangeira. Os conceitos e reflexões tiveram o aporte teórico de autores com muitas publicações e reconhecimento sobre a temática: Benett (2011), Brown (1980), Kramsch (1998), Lima (2008,2009,2012) e Rajagopalan (2003). As reflexões expostas neste texto demonstram a relevância da tomada de consciência a respeito da Abordagem Intercultural nas aulas de LE.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Ensino e aprendizagem; Interculturalidade; Língua estrangeira.

Considerações iniciais

O aprendizado de uma língua estrangeira oferece ao aprendiz uma oportunidade de obter conhecimento sobre outros povos e outras culturas; dessa forma, ele adquire um posicionamento crítico sobre as diferenças culturais, ao mesmo tempo em que compreende e respeita tanto sua cultura quanto a dos outros.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas de sucesso no ensino da LE são as que não só adotam perspectivas interculturais, como também propõem levantar a autoestima

* Mestre em Letras: Cultura, Linguagem e Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

** Doutor em educação/estudos da linguagem pela Southern Illinois University at Carbondale (SIUC). Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

do aluno, fazendo com que ele se sinta envolvido com as aulas e motivado a aprender a língua. Scheyerl (2004, p. 65) afirma que “integrar o ensino de uma língua estrangeira à formação do indivíduo deve ser um dos objetivos da aula de língua estrangeira”, enquanto Brun (2004, p. 92) associa essa formação a uma Abordagem Intercultural (AI):

A aprendizagem de uma língua estrangeira implica a transformação da pessoa pelo contato entre suas línguas e culturas. Isto significa considerar não apenas o aspecto comunicativo da atividade linguística, mas também sua função de representação do mundo (simbolização).

Além dos benefícios que a contextualização das aulas pela cultura traz à formação do aluno, ela coloca em prática o senso crítico dos professores e dos alunos diante de questões culturais. Em contrapartida, o professor que não exercita sua competência cultural crítica acaba por promover uma supervalorização da cultura da língua-alvo, o que pode resultar em estereótipos culturais.

Aspectos culturais na aquisição da segunda língua

Ao fazermos aquisição¹ de uma segunda língua, conseqüentemente, aprendemos também uma nova cultura, redefinimos nossa identidade e podemos, da mesma forma, interferir na identidade e na cultura daqueles com quem interagimos. Não adquirimos uma nova identidade cultural, como se fosse possível alternar entre elas, mas sim alteramos a existente. Rajagopalan (2003, p. 69) esclarece essas alterações: “as línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo, quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade”. A definição de cultura apresentada por Freire (1979, p.16) também esclarece bem essa transformação: “Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo”. Ainda sobre a apropriação e interação,

¹ O s termos aquisição e aprendizagem, neste texto, estão sendo tratados como sinônimos.

Kramersch (1998, p. 127) define cultura como “uma comunidade discursiva que partilha uma história e espaços sociais em comum, e um sistema de padrões para perceber, crer, avaliar e atuar”. Muito semelhante, porém mais abrangente, é a definição de cultura apresentada por Morin (2002, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.

Mead (1973 *apud* LIMA, 2009) propõe uma distinção do termo cultura por meio de sua grafia, ou seja, cultura com **C** maiúsculo e cultura com **c** minúsculo. A primeira, também conhecida como feito heroico, refere-se à civilização de um povo e inclui sua história, geografia, literatura, arte, música, etc. A segunda, comumente chamada de cultura do comportamento, tem a ver com as crenças e percepções de um povo. Assim, Lima (2008, p. 6), nos oferece uma definição de cultura em consonância com todas as definições expostas:

Portanto, de um modo geral, entende-se cultura como um conjunto de padrões compartilhados de comportamentos e interações, construtos cognitivos, e compreensão afetiva que são adquiridos por meio de um processo de socialização. Esses padrões compartilhados identificam os membros de determinado grupo social enquanto que, ao mesmo tempo, os distinguem de outros.

Percebe-se, nas definições expostas acima, que, de alguma forma, todas remetem à socialização ou à discursividade de um povo; ou seja, demonstram que a manifestação cultural está fortemente ligada à linguagem. Brown (1980, p. 128) ao definir cultura, deixa claro o valor da língua para a expressão cultural de um povo: “cultura é algo que está profundamente enraizado em cada fibra de uma pessoa, mas língua – o meio de comunicação usado pelos membros de uma certa cultura – é a sua expressão mais visível e disponível”.

Em outra definição de cultura, Brown (1980, p. 128) deixa claro que a manifestação cultural se dá diante de um processo de socialização: “A cultura é o contexto no qual

nós existimos, pensamos e nos relacionamos com os outros. [...] é o ‘aderente’ que une um grupo”. Dessa forma, o sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, do seu núcleo familiar, de suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. Esse sujeito é o grande responsável pelo que diz em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos também responsáveis, formadores, mediadores e extremamente dependentes da sociedade em que vivem.

Lima (2012, p. 81), em forma de analogia, define a relação da língua com a cultura: “a língua é a camada externa de uma cultura e se constitui como um instrumento de dinamismo e intercâmbio cultural”. Ao fornecerem uma visão a respeito da intersecção da língua e da cultura para o ensino da língua estrangeira, Klein e Cohen (2005) levantam uma questão a que, segundo eles, todos os estudiosos do assunto terão que responder: a língua reflete ou é ela que molda a visão de mundo cultural do sujeito? Segundo os autores, saber se a língua influencia o pensamento, ou se o pensamento influencia a língua, tem uma relevância prática para os professores de língua em sala de aula. Os autores enfatizam que existem estudiosos que defendem ambas as alternativas. Os que acreditam que a língua reflete a cultura dizem que, ao usar uma língua estrangeira, é necessário compreender os valores por trás da língua. Como exemplo eles citam uma aula que adota uma abordagem comunicativa. Neste caso, o professor precisa orientar os alunos sobre o grau de formalidade em uma determinada situação.

Os que acreditam que a língua cria categoria cultural defendem que a língua funciona como um sistema de filtragem e pode até, ao invés de ajudar, dificultar a compreensão dos conceitos que estão fora do contexto cultural dos alunos. Ainda há os que defendem que a língua molda a visão de mundo cultural. Segundo os autores, muitos professores e estudiosos de língua acreditam que as normas culturais podem descrever a forma como a língua deva ser usada, mesmo em situações rotineiras, como agradecer, desculpar e pedir algo, ou seja, essas ações diferem na rotina cultural de diferentes povos:

É a cultura, e não a língua, que define quem dirige-se a quem (a questão das hierarquias socioculturais), qual o código / o registro / a gramática / os vocabulários da língua devem ser usados em cada situação cultural, quando não falar, o que pode e o que não pode ser falado: os gestos, o tom e volume da voz em cada palavra, e o ritmo que acompanha o discurso (LIMA, 2012, p. 178).

Ainda segundo o autor, “sem o controle desses códigos culturais, a comunicação linguística fica difícil de processar-se de forma eficiente” (LIMA, 2012, p. 178). Desta maneira, os aspectos culturais se apresentam importantes nas aulas de inglês, independentemente se a língua reflete ou é ela que molda a visão de mundo cultural do sujeito.

Ao tratar sobre cultura, Weaver (1998, *apud* DUARTE *et al.*, 2011) propõe uma analogia: compara o conhecimento cultural a um *iceberg*. Segundo o autor, esse *iceberg* cultural mostra que a maior parte de nosso conhecimento culturalmente modelado é invisível e aplicado em nossas interações de uma maneira mais subconsciente. Na parte visível do *iceberg* – a parte menor, que é possível ver, ouvir, tocar – estão presentes o aprendizado explícito, a consciência e o conhecimento objetivo. Nessa área, existe uma maior facilidade para a ocorrência de mudanças. Na parte invisível do mesmo *iceberg* – consideravelmente maior do que a externa, concentram-se o aprendizado implícito, a inconsciência e o conhecimento subjetivo. Nessa parte submersa, estão as crenças, os valores, os padrões do pensamento e os mitos; por isso as mudanças ocorrem mais dificilmente. Nesse processo de modelagem do conhecimento cultural, a linguagem exerce um papel fundamental, visto que é produtora da realidade e interfere tanto na parte visível do *iceberg* quanto na parte invisível.

A competência intercultural, diante do exposto sobre a formação da identidade e os conceitos da diferença, requer o (re)conhecimento e o respeito pelas diversidades interculturais presentes nos comportamentos sociolinguísticos, nas concepções e atitudes, bem como nos valores socioculturais acordados pelas sociedades das culturas em contato.

Interculturalidade

Na concepção de Lima (2008), para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural, a fim de que possam lidar com essa comunidade global e descobrir maneiras de ver o mundo ao seu redor sob uma perspectiva intercultural. Pensando nesta competência, Jorge (2009, p.164,165) apresenta diversas possibilidades que o valor educativo de uma língua pode oportunizar aos educandos e educandas:

- *refletir sobre a língua e a cultura materna;*
- *aprender sobre a diversidade cultural que existe no mundo e no seu próprio país;*
- *pensar no que significa ser jovem, criança, adulto em outras partes do mundo;*
- *compreender as diferenças culturais como parte da riqueza da diversidade humana;*
- *conhecer a literatura de várias partes do mundo, assim como outras normas de expressão artística, etc.*

Segundo Kramsch (1998), o termo "*cross-cultural*" geralmente refere-se ao encontro de duas culturas, ou duas línguas, para além das fronteiras políticas sobre os Estados-nação. Esse conceito é o mais usado como referência quando tratamos do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Contudo, a autora mostra que o termo tem sentido bem mais amplo:

O termo intercultural pode também referir-se à comunicação entre pessoas de diferentes culturas étnicas, sociais e de gênero dentro dos limites de uma mesma língua nacional. Ambos os termos são usados para caracterizar comunicação, a dizer, entre *sino-americanos* e *afro-americanos*, entre classe trabalhadora e as pessoas de classe superior, entre *gays* e heterossexuais, entre homens e mulheres, a comunicação intercultural refere-se ao diálogo entre as culturas minoritárias e a dominante, e está associada questão de bilinguismo e biculturalismo (KRAMSCH, 1998, p. 82).

A definição oferecida por Kramsch (1998), além de ampliar a compreensão daquilo a que se refere o termo interculturalidade, facilita o discernimento entre ele e o termo multiculturalidade. Segundo a autora,

O termo multicultural é mais frequentemente usado de duas maneiras. Em um sentido social, ele indica a coexistência de pessoas de muitas origens e etnias diferentes, como em 'sociedades multiculturais'. Em um sentido individual, caracteriza as pessoas que pertencem a várias comunidades discursivas, e que, portanto, têm os recursos linguísticos e estratégias sociais para afiliar-se e identificar-se com muitas culturas diferentes e formas de uso da linguagem. A identidade cultural dos indivíduos multiculturais não é a de vários falantes nativos, mas sim, ela é feita de multiplicidade de papéis sociais ou 'posições de sujeito' que ocupam seletivamente, dependendo do contexto interacional em que eles se encontram no momento ((KRAMSCH 1998, p. 82).

O multiculturalismo, segundo Hall (2003, p.52), “não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado”. O multiculturalismo “descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabadas. Assim como há distintas sociedades multiculturais, assim também há ‘multiculturalismos’ bastante diversos”. Ainda segundo o autor,

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original”. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais (HALL, 2003, p. 52).

Baseado na definição de Hall, Damázio (2008) conclui que o multiculturalismo visa a interpretar aquilo que entendemos por sociedade multicultural e, ao mesmo tempo, dizer o que devemos fazer, de um ponto de vista político, em relação a ela. A sociedade multicultural é um conceito descritivo, já o multiculturalismo é um modelo normativo.

Ainda, segundo Damázio (2008), a noção de interculturalidade, por diferentes razões, foi identificada com multiculturalidade. Entretanto, as posições teóricas atuais na América Latina permitem uma distinção entre ambas. A interculturalidade, diferentemente da multiculturalidade, não é simplesmente duas culturas que se mesclam ou que se in-

tegram. A interculturalidade alude a um tipo de sociedade em que as comunidades étnicas, os grupos sociais se reconhecem em suas diferenças e buscam uma mútua compreensão e valorização. O prefixo “inter” expressaria uma interação positiva que concretamente se propaga na busca da supressão das barreiras entre os povos, as comunidades étnicas e os grupos humanos.

Pelas definições expostas, percebe-se que a abordagem intercultural parece ser mais necessária e comprometida com a busca de alternativas e práticas de convivência entre culturas. Supera o horizonte da tolerância e das diferenças culturais, visa à transformação das culturas por processos de interação, ocupa, assim, o vazio deixado pelo multiculturalismo.

Segundo o interculturalista Bennett (2011), a Comunicação Intercultural é uma evolução da Teoria da Comunicação para um contexto mais global. O autor defende que as pessoas precisam primeiramente entender a si, aprender a dar significado a suas formas de comunicação, para poder criar significados que façam sentido para todos.

Bennett (2011) enfatiza que, na visão dos interculturalistas, existem três aspectos da identidade cultural. O primeiro é aquele em que a pessoa se enxerga, acima de tudo, como possuindo tanto uma identidade cultural quanto uma identidade individual. O segundo é um nível de análise mais social: nossa identidade cultural é formada pela interação com outras pessoas, e parte de nossa visão de mundo está ligada às nossas crenças e aos valores que nos foram impostos, a partir de nossa vivência em uma sociedade, em um grupo coletivo. Por fim, ele defende que é preciso pensar na identidade cultural das duas formas: saber da existência de uma identidade nacional, mas também conscientizar-se de que existem claras divisões regionais e identidades locais associadas às regiões em que as pessoas vivem. Dessa forma, o autor adverte que as identidades regionais e a nacional não se sobrepõem nem se anulam, porém elas contribuem para construir sua visão de mundo e definir seus padrões comportamentais.

Ainda de acordo com Bennett (2011), quando sabemos como se dá a interação entre as diferentes identidades culturais dos povos, percebemos a relevância dos estudos

interculturais. O autor afirma que, no primeiro contato, há sempre tensão entre duas pessoas de culturas diferentes. Consequentemente, negamos a existência da diferença, ou queremos convertê-la ou eliminá-la. Após isso, porém, há a aceitação da diferença e o reconhecimento dela. Com isso, há espaço para uma adaptação entre essas duas pessoas e para a integração. De acordo com o autor, cada vez mais está sendo usado na área o termo “terceira cultura” para definir essa interação.

Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. Isso, esse espaço, está sendo chamado de “terceira cultura”. Mas não se deve esquecer que isso é apenas um conceito dinâmico, portanto não existe, por exemplo, um país com uma terceira cultura; é algo gerado pela tentativa de adaptação entre pessoas (BENNETT, 2011, p. 1).

Essas reações durante o contato entre pessoas de culturas diferentes acontecem de forma generalizada e em qualquer ambiente. Dessa forma, percebe-se a necessidade de instruir o cidadão para situações diversas, para que seu comportamento seja adequado ao contexto. A respeito da educação formal e da possibilidade de mudança no comportamento, devido à exposição, Bennett (2011, p. 1) mostra como esta transformação se constrói:

Bom, podemos falar de um ponto de vista mais filosófico, e esse ponto de vista é que as pessoas podem mudar. Pegue, por exemplo, o homem das cavernas. Somos tão diferentes deles! E a nossa diferença para eles foi construída por atos conscientes de educação: nós ensinamos nossos filhos a fazer aquilo que achamos correto, criamos leis baseados no que acreditamos ser melhor para nossa sociedade... Por mais que o ser humano em si não seja modificável, seu comportamento o é.

Com esse argumento, conclui-se que precisamos nos afastar da tendência de nosso comportamento natural. Segundo o autor, precisamos chegar a um ponto em que

haja igualdade entre todos e entre diferentes sociedades, um ponto em que pelo menos o respeito seja a base das relações sociais:

O que acontece é que nosso comportamento natural, desde sempre, tem sido o de evitar as diferenças, e isso, infelizmente, pode ser traçado de volta até o mesmo homem das cavernas. Quando nos deparamos com o diferente, tentamos evitá-lo. Em um primeiro momento, tentamos até convertê-lo para que seja igual ao nosso ponto de vista, e aí acreditamos que está tudo bem. Basicamente, queremos que todas as pessoas no mundo sejam como nós, porque, afinal de contas, achamos que nosso ponto de vista é o correto. Infelizmente, porém, se essa conversão falha, a história mostra que o ser humano parte para a saída mais simples, que é eliminar o povo culturalmente diferente - e frequentemente isso acontece das maneiras mais horrendas (BENNETT, 2011, p. 1).

Esses argumentos e conceitos apresentados por Kramersch (1998) e Bennett (2011) mostram o quanto é relevante a alteridade nas relações sociais. A língua inglesa, como disciplina escolar, tem esse dever e, ao mesmo tempo, um privilégio: o de abordar estas questões.

Professor crítico

Kramersch (1998), em seu artigo *“From practise to theory and back again”*, relata uma experiência cultural em sala de aula de alemão que a motivou a pesquisar mais profundamente o assunto. Ela estava discutindo com seus 15 alunos da graduação um conto que eles haviam lido no dia anterior à aula. O conto falava de um garoto de 6 anos chamado Ender, filho de turcos, nascido e criado na Alemanha. Ender é esnobado por seu melhor amigo, que não quer mais brincar com ele porque, para seu melhor amigo, Ender não é um cidadão alemão, mas sim um estrangeiro.

Segundo Kramersch (1998), durante as questões que ela fez como pré-leitura, ela percebeu que os alunos interagiram conforme ela esperava quando preparou a aula. Contudo, quando ela começou a indagar os alunos sobre o que é ser um estrangeiro, percebeu

um silêncio por parte deles, ou uma participação mais tímida em comparação com a primeira atividade realizada.

De volta para casa, a professora repetiu a cena da aula em sua cabeça, pensando e examinando-a detalhadamente. Depois perguntou aos outros professores se isso já havia acontecido com eles; o que eles achavam; o que pode ter saído errado. Depois falou também com alguns alunos de sua confiança para saber o que eles achavam até coletar uma gama de possíveis interpretações.

A professora descobriu que se tratava de uma questão cultural. Os alunos eram americanos e, diferentemente dos alemães, eles não se preocupam em diferenciar quem é estrangeiro ou nativo quando moram no mesmo país. Alguns chegaram a dizer que não é politicamente correto falar sobre estrangeiros, ou mesmo identificar alguém como um estrangeiro, que é quase um insulto, razão pela qual estudantes estrangeiros nos EUA são chamados alunos 'internacionais'. Outros alunos disseram que provavelmente os colegas não entenderam o fato de Ender ser nascido e criado na Alemanha e não ser um cidadão alemão.

Kramersch (1998) percebeu que o termo estrangeiro tem conotações diferentes para um alemão e um americano. Dessa forma, a compreensão e o interesse pelo conto tornam-se diferentes entre eles.

Posteriormente, a professora retomou o tema em uma abordagem diferente, que considera as diferenças culturais diante do tema exposto. A situação exposta por Kramersch (1998) demonstra que o professor de língua estrangeira precisa ser crítico e provocativo. As oportunidades de abordar a interculturalidade não são tão explícitas, surge da análise e provocação do professor.

Considerações finais

Os conceitos e reflexões aqui expostos demonstram a relevância da tomada de consciência a respeito da Abordagem Intercultural nas aulas de LE. Podem parecer óbvio para um professor de LE as recomendações e conceitos apresentados pelos autores cita-

dos neste texto, mas se percebe que, na prática, não é tão simples desenvolver um ensino abordando aspectos culturais numa abordagem intercultural.

Durante a pesquisa, ficou perceptível que o tema proposto é atual e confirmou que ele pode ser de grande contribuição para melhorias no ensino da LE. Desenvolver nos responsáveis pelo ensino de LE consciência e afinidade com o tema cultura e interculturalidade e, ao mesmo tempo, ajudá-los a abordar corretamente os aspectos culturais em sala de aula, desenvolvendo, assim, a competência comunicativa intercultural nos alunos e sua postura crítica diante da temática.

Um dos problemas do professor que não possui uma postura crítica diante dos aspectos culturais em sala de aula é o fato de ele se apoiar em estereótipos culturais. Segundo Siqueira (2008), o professor abstém-se de promover um confronto entre culturas. Tanto ele, quanto seus alunos se tornam alienados e à mercê da condição de inferioridade impregnada na alma dos povos oriundos de ex-colônias.

INTERCULTURAL APPROACH IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING: REFLECTIONS AND CONCEPTIONS

ABSTRACT: The aim of this article is to present a reflection and conceptions about the importance of the intercultural approach in the teaching of the foreign language. It presents some cultural aspects in the acquisition of the second language, concepts and relevance of Intercultural approach and a reflection on the critical teacher on cultural issues during foreign language classes. The concepts and reflections had the theoretical contribution of authors with many publications and recognition on the subject: Bennett (2011), Brown (1980), Kramsch (1998), Lima (2008,2009,2012) and Rajagopalan (2003). The reflections exposed in this text demonstrate the relevance of the awareness of the Intercultural Approach in LE classes.

KEYWORDS: Culture; Teaching and learning; Interculturality; Foreign Language.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Milton. *Interculturalidade. Você sabe o que é?*. Entrevista concedida à Revista Época. Online em 25/07/2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>> Acesso em 15 jun. 2015.

BROWN, D. H. *Principles of language learning and teaching*. Engkwood Ciffs N. J. United States of America. Prentice-Hall. Internacional, Inc. 1980.

BRUN, M. (RE) *Construção identitária no contexto da aprendizagem de línguas estrangeiras*. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, p.73-104, 2004.

DAMÁZIO, E.S.P. *Multiculturalismo versus Interculturalismo: por uma proposta intercultural do direito*. Revista Desenvolvimento em Questão. Unijuri. Ano 6. n.12 p. 63-86. Jul/dez. 2008

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1987.

DUARTE, Daniela M.; SANTOS, Keila M.; LIMA, Diógenes C. *O professor frente aos dilemas da abordagem de Aspectos culturais na aula de língua inglesa: A interculturalidade em discussão*. Revista de Letras. UESB. Vitória da Conquista v. 3, n. 1 p. 295-308 jan./jun. 2011. <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/553/627>> Acesso em 25 out. 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HALL, Stuart. *A questão multicultural*. In: Da diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JORGE, Miriam Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KLEIN F; COHEN A. *Section VI: The Intersection of Language and Culture*. 2005. Disponível em: http://www.carla.umn.edu/maxsa/samples/ig_intlangculture.pdf. Acesso em 10 ago. 2014

KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. Oxford: OUP, 1998.

LIMA, Diógenes. C. de O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Vozes da (Re)conquista: o papel da cultura no ensino da Língua Inglesa*. Polifonia (UFMT), v. 15, p. 87-107, 2008.

LIMA, Luciano. R. *Movies and Cartoons in the EFL Classroom: For a Critical Cultural immersion*. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (Editor). *Language and its Cultural Substrate: Perspectives for a globalized World*. Campinas: Pontes, 2012.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SCHEYERL, Denise. O novo “eu” sob a perspectiva ecosófica e como ele pode atuar em aula de língua estrangeira. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SIQUEIRA, Sávio. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador: Bahia, 2008.

*Recebido em 05/09/2016.
Aprovado em 07/02/2017.*